

Sarney condena o radicalismo

Presidente insiste no alerta para evitar "derrocada do projeto democrático"

BRASÍLIA — O presidente José Sarney criticou ontem duramente os "radicais" em seu discurso de abertura ideológica do País, e fez novamente um apelo à união das forças de centro, em busca do equilíbrio político. "Mal fechadas as urnas", frisou o presidente "surgiram vozes e trombetas de grande radicalismo que, se não combatermos logo, serão o germe da própria derrocada do projeto democrático brasileiro".

O presidente fez essas declarações no programa *Conversa ao Pé do Rádio*, que vai ao ar em cadeia nacional, todas as sextas-feiras, às 6 horas da manhã. Sarney abordou ainda o problema da inflação, reafirmando sua esperança no êxito do pacto social, e a nova realidade internacional, segundo ele, marcada por um período de paz e de prosperidade. Elogiou também, o recente pronunciamento na Organização das Nações Unidas (ONU) do dirigente da União Soviética, Mikhail Gorbachev, que conclamou países como o Brasil a discutir os principais problemas do mundo.

Diante de um quadro internacional marcado por distensão, grandes esperanças e conquistas, o presidente disse sentir-se chocado, com "o baixo padrão que se procura inocular em alguns setores da vida política do País, numa demonstração de imaturidade, de anacronismo, numa pregação de um maniqueísmo intolerável".

Sarney afirmou que tem alertado o País "contra os extremismos, contra os dogmas absolutos, contra o modismo anárquico, que no fundo não é ideologia nenhuma". Para o presidente "as forças de centro têm de se organizar em benefício do próprio equilíbrio e da relatividade de opções das expectativas que se oferecem numa sociedade democrática". Essa sociedade a seu ver é "capenga e por isso mesmo tendente a não resistir, porque é a negação da própria democracia".

O presidente acha que as modernas democracias européias rejeitaram as "soluções extremistas" e se imunizaram contra as "tentativas totalitárias". "Hoje nós vemos essa co-habitação existente no terreno das idéias, do debate político na Europa, entre uma esquerda responsável, uma direita conservadora, o centro, a social-democracia. O centro é o equilíbrio, é um ponto de referência", definiu.

Sarney também criticou a violência verbal, "talvez pior do que a outra, intimidadora". "É uma espécie de terrorismo moral, é o patrulhamento intelectual", declarou o presidente para completar com a advertência de que "tudo isso faz com que esse esforço democrático brasileiro possa ter sombrias ameaças". Não é isso que nós desejamos, porque a violência gera violência e aí a confrontação fica mais perto", advertiu.



Sarney, em Pirassununga: "Esquerda ideológica é importante no pluralismo democrático"

Presidente nega-se a dar nomes

O presidente José Sarney disse ontem na Academia da Força Aérea, em Pirassununga (SP), não ter criticado a esquerda brasileira em seu programa semanal *Conversa ao Pé do Rádio*. "Pelo contrário, acho que a esquerda ideológica, a esquerda convicta, é parte importante no pluralismo democrático", disse. Para explicar seu discurso no rádio, em que condenou as soluções radicais e os grupos extremistas, o presidente afirmou: "O que devemos combater é o esquerdismo anárquico, que procura destruir os valores democráticos e utiliza a liberdade para destruir a liberdade". Ele se recusou a citar nomes.

Sarney preferiu não opinar sobre a reunião realizada anteontem em Brasília, na qual o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, discutiu com lideranças do partido a possibilidade de rompimento com o governo federal. Ele disse não ter sido informado sobre o encontro e garantiu que sua preocupação é prosseguir na missão de entregar, ao seu sucessor, o País "democratizado e economicamente normalizado".

O presidente interrompeu a entrevista que concedia aos jornalistas quando lhe pergunta-

Dívida externa é tema de brigadeiro

RIO — O brigadeiro Egon Reinisch, diretor da Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica, fez o discurso mais aplaudido, ontem, na cerimônia de formatura. Ele disse que a Nação está "assobrada por um endividamento externo crescente, a sangrar a poupança nacional, carregando para nações mais ricas e favorecidas vultosos recursos essenciais ao seu desenvolvimento".

ram como via as ameaças de rompimento também feitas pelo governador de São Paulo, Orestes Quéricia. O presidente virou-se de costas, ameaçou deixar o local e segundos depois respondeu: "Não vejo".

Orestes Quéricia e José Sarney foram formados durante a cerimônia de formatura dos 186 aspirantes da turma Brigadeiro Newton Braga, que ontem receberam a espada, às 10h30.

Quando o Boeing decolou para levar Sarney de volta a Brasília, o governador Orestes

Quéricia disse que prefere ver na Presidência da República o deputado Luiz Inácio da Silva ou o ex-governador Leonel Brizola a um candidato de centro, como defende Sarney. "Se um dos dois for eleito presidente, garanto que nós não vamos ter tantos problemas como estamos tendo hoje aqui em São Paulo", afirmou. Quéricia citou como "exemplo de problemas" a intransigência do governo federal em relação à dívida do estado.

O governador paulista explicou ontem que não pretende romper com Sarney, mas vai continuar criticando a política que o governo adotou contra os estados. "Não se pode tirar dinheiro de São Paulo para tapar buraco do governo federal", afirmou.

O presidente Sarney chegou à Base Aérea de Brasília às 13h30. A solenidade de declaração de aspirantes esteve acompanhada da mulher Marly e dos ministros da Aeronáutica, Octávio Moreira Lima; do Exército, Leônidas Pires Gonçalves; da Marinha, Henrique Sabóia; do EMFA, Valbert Liseiue; do Gabinete Militar, Rubem Bayma Denys e das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré.

"É preciso afastar os pregoeiros do caos"

Esta é a íntegra da *Conversa ao Pé do Rádio*:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma *Conversa ao Pé do Rádio*, nesta sexta-feira, dia 9 de dezembro de 1988.

Estamos chegando ao fim do ano, ano de dificuldades, em que se acentuou a crise do Estado brasileiro. Tivemos que pagar grandes custos políticos pelas medidas que tomamos, destinadas a evitar a desorganização das finanças públicas com cortes substanciais de verbas e programas, tudo isto com a finalidade de combatermos o déficit público, matriz importante do processo inflacionário que temos de evitar a todo o custo.

Podemos afirmar que esta etapa de organização das finanças públicas foi vencida. Hoje, a inflação brasileira não pode ser debitada à desorganização dos gastos do governo. Estes estão dentro das metas e chegamos a números excepcionais, que mostram a determinação e a coragem do governo.

Encerramos o primeiro semestre com um déficit de apenas, 0,75% do PIB e até setembro os nossos números eram de 1,6%. Temos a certeza de que ficaremos abaixo dos 4%, que tínhamos como objetivo para este ano de 1988. É uma grande vitória. Para 89 nosso objetivo é um déficit zero. Para isto, temos naturalmente de obter a colaboração decisiva do Congresso brasileiro.

Hoje, portanto, sabemos que a inflação nossa tem muito de psicológica e inercial, o que faz com que sem a participação da sociedade seja praticamente impossível vencê-la. Daí a necessidade do pacto, que pretendemos ver realizado para que o controle de preços seja feito com a participação dos empregados, dos empregadores e do governo.

Nós estamos cumprindo a nossa parte, mas é preciso avançarmos cada vez mais. É preciso que o povo apóie o pacto, cobre o pacto. O pacto evitou o pânico da hiperinflação que boiava, desde os boatos das quintas-feiras até as especulações que circulavam em todos os setores financeiros. Mas o pacto somente pode avançar com maior audácia se tivermos, como eu disse, uma consciência nacional de sua importância.

Estamos nós todos, cada vez mais, num mundo que busca formas consensuais para a solução dos seus problemas. No Brasil mesmo, quando fizemos a opção democrática,

sabíamos que a democracia importa numa responsabilidade de todos. O pacto deu certo em toda a parte. Por que não dar certo no Brasil? Por causa da política? Porque a especulação não permite? Por que a ganância não tem limite? Por que não há patriotismo? Não podemos nos conformar com estas perguntas. Temos que dar respostas positivas a todas elas.

Vejam os que as grandes potências se unem. Dão ao mundo uma perspectiva de um longo período de paz, o que possibilitará o crescimento da economia mundial. Fazem acordos muito mais difíceis, como o da diminuição do arsenal nuclear e convencional. Ainda ontem o presidente Gorbachev surpreendia a Organização das Nações Unidas com um discurso no qual ele anunciava a retirada de cerca de 500 mil homens da Europa do Leste. Nos Estados Unidos, executam o chamado Acordo de Washington, com a retirada dos mísseis estratégicos da Europa, conjuntamente com a União Soviética. Os conflitos regionais declinam. Uma coisa que parecia impossível se realiza: o cessar-fogo na guerra Irã-Iraque. Busca-se a paz no Camboja. Em Angola, há negociação, na América Central também. Inicia-se a retirada das tropas de ocupação do Afeganistão.

O mundo se distende, busca se entender na solução dos seus problemas. A inteligência do homem e do marco do novo século organiza-se para vencer desafios tecnológicos e científicos nunca imaginados. O Brasil, depois de construir uma sociedade industrial, a maior abaixo do Equador, organiza suas instituições políticas, sai do processo do autoritarismo para a democracia plena. Conclui a transição democrática num clima de grande esforço, de paz, de diálogo, sem exclusão de ninguém, com a ativa participação da sociedade, com a livre circulação das idéias, com uma liberdade que nunca existiu em nosso território.

Pois é justamente dentro desse horizonte, desse quadro de grandes esperanças e conquistas, que nos choca o baixo padrão que se procura inocular em alguns setores da vida política do País, numa demonstração de imaturidade, de anacronismo, numa pregação de um maniqueísmo intolerável, da visão entre o bem e o mal, numa busca de culpados e inocentes, como se os problemas não fossem mais complexos, como se não tivéssemos de nos debruçar sobre eles, de conjugar esforços, de analisá-los e não enganar

o povo numa demagogia cada vez mais devastadora.

Nós sabemos que a sociedade democrática é a sociedade da convivência, em que todos têm as mesmas responsabilidades, os mesmos direitos, os mesmos deveres. E é velha a definição de que todos somos governados. Todos governam um pouco e todos também são governados um pouco.

Daí por que eu tenho alertado o País contra os extremismos, contra os dogmas absolutos, contra o modismo anárquico que no fundo não é ideologia nenhuma, dizendo que as forças de centro têm de se organizar em benefício do próprio equilíbrio e da relatividade das opções, das expectativas que se oferecem numa sociedade democrática. Sociedade democrática que, sem parâmetros de opções, é uma sociedade capenga e por isso mesmo tendente a não resistir, porque é a negação da própria democracia. Por isso nós devemos rejeitar as soluções extremistas. E essa rejeição fizeram as modernas democracias européias, imunizaram (sic) essas democracias contra as tentativas totalitárias.

Hoje nós vemos essa co-habitação existente no terreno das idéias, do debate político na Europa, entre uma esquerda responsável, uma direita conservadora, o centro, a social-democracia. O centro é o equilíbrio, é um ponto de referência.

Aqui, mal fechadas as urnas, surgiram vozes e trombetas de grande radicalismo, que, se não combatermos logo, serão o germe da própria derrocada do projeto democrático brasileiro. É justamente a convivência, a liberdade de posições, que faz a democracia. Não é o dogmatismo, não é o radicalismo. Estes são inimigos mortais do pluralismo.

Como presidente que tem dedicado a sua vida a assegurar o processo da transição democrática nestes últimos anos, que não quer o aplauso, mas o julgamento da História, tenho de defender os ideais republicanos e alertar contra a audácia dos que só querem a liberdade para utilizá-la como um estágio tático. Como dizia Raymond Aron, repugna-me esse simplismo de ver a sociedade obrigada a uma escolha entre direita e esquerda, em que a opção de cada um é ser hemiplégico.

A política é uma escolha de meios, como dizia René Raymond. O fim de todos os fins é o bem comum, uma sociedade livre e justa, vivida com dignidade, aquilo que Jefferson chamou a busca da felicidade.

Não é a prática de grupos de violência, que não representam somente a violência armada, mas a violência verbal, talvez pior do que a outra, intimidadora, ceceadora da liberdade das consciências, atuando como brigadas fascistas. É uma espécie de terrorismo moral, é o patrulhamento intelectual. Tudo isso faz com que esse esforço democrático brasileiro possa ter sombrias ameaças e seja decepcionante que esse tipo de comportamento possa ter compreensão.

Não é isso que nós desejamos, porque a violência gera violência e aí a confrontação fica mais perto, abrindo campo para forças extremistas e saudosistas, que estão sempre latentes em toda a sociedade. Queremos a democracia, devo repetir, como um sistema de valores e não como uma etapa tática.

Finalmente, minha mensagem de otimismo, como faço sempre. Tudo isso, eu acredito que nós venceremos. Nós venceremos o subdesenvolvimento político e econômico das dificuldades econômicas. Com que orgulho, por exemplo, eu ouvi ontem o presidente da União Soviética, o senhor Mikhail Gorbachev. A União Soviética, que divide com os Estados Unidos a qualidade de superpotência, não comungando dos mesmos princípios ideológicos que nos regem e, por isso mesmo, uma voz isenta, afirmar, com grande realismo e objetividade, que os graves problemas do mundo têm de ser discutidos com a presença também do Brasil. Do nosso Brasil, que ele reconhece como uma grande potência.

O mundo inteiro acredita no Brasil. Por que existem brasileiros que não acreditam no País, se nós fomos capazes de construir esta grande Nação e os nossos antepassados, com maiores dificuldades do que nós que já desfrutamos de recursos e meios que eles não tinham? Eles atravessaram estas dificuldades todas e construíram e subderam edificar e nos entregar esta Nação poderosa do presente.

Agora, portanto, eu acho que é necessário, constantemente, repetir, afastar do nosso caminho os pregoeiros do caos, os aproveitadores da miséria, que à custa de destruir esperanças visam construir projetos exclusivamente políticos. Lutel, luto e lutarei contra tudo isso, a favor do Brasil e do nosso grande futuro. O povo sabe que eu o faço com sinceridade, procurando cumprir o meu árduo dever.

Bom dia a todas as brasileiras e brasileiros que tiveram a gentileza de me ouvir".